

Leitor-crítico, Leitor-poeta: Mário de Andrade lê Machado de Assis parnasiano

Ligia Kimori⁶⁵

Resumo

Na marginália de Mário de Andrade, leitor-poeta e leitor-crítico, nas obras do parnasianismo, coexistem admiração e análise minuciosa. A admiração sugere uma espécie de impregnação no moço poeta que externa seu entusiasmo e se empenha em análises ainda elementares, até moralistas, mas reveladoras de um conhecimento sólido de versificação e de fecunda imaginação crítica. Essa marginalia permite que se acompanhe a leitura realizada por um poeta iniciante, mas contestador de cânones, poeta que é também um crítico em idêntico estágio; leitura que deixa marcas das etapas de seu trabalho e aponta competências e interesses na observação de formas e soluções alheias; precede a definição do poeta e crítico comprometido com o modernismo. Entre os volumes dessa coleção, o leitor conserva *Poesias completas*, de Machado de Assis, com exemplares em duas edições distintas: a de 1902, bastante anotada; e outra de 1924, trazendo a lápis apenas duas correções tipográficas. Leitor de Machado de Assis parnasiano, Mário de Andrade integra-se àquela poesia que, como matriz, o faz poetar. Vestígios de poemas em processo, com modificações trazidas pelo seu lápis, mostram que Machado enseja-lhe palavras poéticas, possibilidade de versos. Mas, críticos, os comentários não deixam de contemplar a irregularidade métrica desse parnasiano e muito incomoda o leitor hábil que conhece metrificação e compara recursos. Assim, nessa comunicação, pretende-se observar o modo como a leitura baliza o vocabulário do poeta iniciante e lhe infunde, certamente, o cuidado com a sonoridade e a forma na criação desses versos próprios, suscitados pelos poemas estudados. Na biblioteca do escritor-leitor, armazém de ideias, circulam manuscritos guardados nos livros parnasianos, notas marginais que se ligam à leitura atenta e materializam as lições legadas ao poeta e crítico do modernismo.

Palavras-chave

Mário de Andrade; Machado de Assis; Parnasianismo; Marginalia.

65 Doutoranda em Literatura Brasileira pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, na Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Bolsista FAPESP. Email: lilofr@gmail.com

O conjunto dos livros parnasianos, pertencentes aos dois setores da biblioteca de Mário de Andrade, volumes conservados na Coleção Mário de Andrade, no acervo da Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), bem como os títulos parnasianos do Brasil e da França na coleção doada pelo escritor à Biblioteca Pública de Araraquara, em 1943, reúne cinquenta e seis títulos, de vinte e três poetas brasileiros e cinco franceses. A soma implica os exemplares, no IEB/USP, de duas edições das *Poesias completas*, de Machado de Assis – a de 1902 e a de 1924, ambas publicadas no Rio de Janeiro, pela Livraria Garnier, agregando textos dos livros *Crisálidas*, *Falenas*, *Americanas* e *Ocidentais*.

Para essa comunicação, seleciono o exemplar da edição de 1902, farto em marcas e comentários relevantes, porque o da edição de 1924 traz apenas duas sinalizações inexpressivas. A marginalia, na edição de 1902, a grafite e a tinta preta, acusa dois tempos distintos, ou seja, duas etapas.-

A primeira etapa aparece à tinta na correção “cegára”, sobre a gralha “cagara”, na “Advertencia”, p. 6, mas se concentra nas partes 32 a 97 (final) do poema “Pallida Elvira”, de *Falenas*, p. 150-176, segundo livro nessa edição. Compõe-se de muitas anotações a tinta preta, vindas de pena molhada no tinteiro; indicam o esforço do jovem leitor, na letra bem cuidada. Assemelham-se à caligrafia no exemplar da *Vie de Jeanne d’Arc* de Anatole France (Paris: Calman-Lévy, s.d.), em incursão datada de 1910⁶⁶. As notas lembram também vestígios desse mesmo estudioso leitor em *Les fleurs du Mal*, de Baudelaire, quando ele sublinha a palavra “Léthé”, no 18º verso de “Spleen” – “Où coule au lieu de sang l’eau verte du Léthé” e elucida no rodapé: “Rio dos Infernos que significa:/ Esquecimento./ As sombras nele/ bebiam para esquecer o passado”. Nas notas a tinta, em *Poesias completas*, o leitor está atento às estruturas sonoras e de construção da frase, escande versos, compara poemas do livro, destaca muitos vocábulos e anota, com frequência, o significado, esboçando quase sempre seu ponto de vista a cada marca.

Mas, a marginalia em *Falenas* não resiste, mesmo de imediato, à leitura do incipiente crítico que, com vigor, risca e apaga com borracha, suprimindo muitos de seus comentários.

66 Nas páginas da biografia, Mário de Andrade, católico, reassegurando valores morais, contesta Anatole France apoiado em sua leitura de Andrew Lang, *La Jeanne d’Arc de M. Anatole France* (Paris: Librairie Perrin, s.d.). V. para outros detalhes dessa marginalia primeira, a tinta preta: LOPEZ, Telê Ancona. “A biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação”. In: ZULAR, Roberto, org. *Criação em processo – ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 45-72.

A segunda etapa testemunha, na adoção do lápis, a inconveniência da tinta como instrumento da escrita marginal, pois o grafite garante a concretização das alterações desejadas. Cabe destacar que ambas as etapas da marginália sofreram mutilação em sinais e sílabas de palavras postos no limite das margens, quando da encadernação. A transcrição/classificação da marginália desta obra seguiu o critério temporal.

Machado de Assis poeta estreara com o soneto “À Ilma. Sra. D.P.J.A.”, divulgado no *Periódico dos Pobres* em outubro de 1854. Publicara *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870) e *Americanas* (1875), títulos nos quais ele escolhera os poemas que, em 1901, formaram suas *Poesias completas*, conforme Rutzkaya Queiroz dos Reis:

(...) a despeito do nome, é na verdade a reunião de doze poemas de *Crisálidas*, dezenove de *Falenas*, doze de *Americanas*, e vinte e sete do livro inédito *Ocidentais*. (...) *Poesias completas* é a palavra final do poeta Machado de Assis sobre sua produção. O volume obriga o leitor a compreender a completude por caminhos não numéricos, pois excluem a totalidade da produção para abrigar a totalidade da voz poética que importa seja ouvida.⁶⁷

O livro, impresso em Paris, em 1900, foi publicado nacionalmente no primeiro semestre do ano seguinte. A reimpressão, por Hyppolite Garnier, firmou-se em 1902. Esta segunda edição ocupa as prateleiras do jovem Mário de Andrade. Seu exemplar mostra o leitor que anota formas anacrônicas – palavras, expressões e temas; que investiga a sonoridade particular dos versos, observando as rimas finais e a musicalidade interna; que percebe a discrepância no uso de ditongos e hiatos, fenômeno que registra por meio das repetidas marcas de escansão deixadas em várias páginas ao verificar a contagem métrica. Implica o crítico empenhado que examina estruturas, capta movimentos do poeta e esboça seu parecer, na maioria das vezes, no rodapé. Revela, sobretudo, a avidez desse crítico em assentar seu conhecimento sobre estrutura rítmica, adequação tema e forma, matéria lírica; embebido dos poemas lidos, cria trechos alternativos, elabora versos que dialogam com aquela poesia.

A leitura cotejada permite estabelecer índices comparativos com outros parnasianos que adensam sua bagagem, poetas a quem dedicou a série de artigos de

67 REIS, Rutzkaya Queiroz dos. “Apresentação”. In: MACHADO DE ASSIS. *A poesia completa*: edição anotada, recepção crítica. Organização e fixação dos textos Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin/ EDUSP, 2009, p. 20-21.

1921, “Mestres do Passado”⁶⁸. O leitor recorre a Olavo Bilac, Vicente de Carvalho, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia na redação de suas notas aos poemas de Machado de Assis. Estuda a sonoridade, muito atento à musicalidade escandida nos versos. Não hesita em marcar os ditongos (sinérese) e hiatos (diérese) que lhe parecem dissonantes ao formar ritmos. Como exemplo, apresento nota à tinta preta à parte XLI, de “Pálida Elvira”, em “Falenas”:

P. 153

PARTE XLI (1 estrofe)

P. 153:

Notas MA:

1. Acento inserido no v. 1;
2. barra marcando a diérese no v. 3-4 – estudo da sonoridade:

“Somos todos assim. *É* nossa gloria
“Contra o destino oppôr alma de derro;
“Desafiar o mal, eis nossa historia
“E o tremendo duello é sempre um erro.

Mário de Andrade estuda estruturas. Busca temas, menciona achados. Detém-se nas soluções poéticas. A medida dos versos aparece como uma das questões do leitor que observa também o tipo de construção empregada na feitura dos poemas. As inversões, muito comuns na produção parnasiana, ganham destaque, sobretudo, quando interferem na clareza de expressão. No mais, termos grandiloquentes ou apontados como antiquados, por vezes fora do contexto, desagradam o leitor que acusa a rima ou a contagem métrica forçadas a caber no verso.

As anotações apostas nas páginas de *Poesias completas* evidenciam ainda um leitor que se integra à poesia do outro que, como matriz, o faz poetar. É o que se observa quando Mário de Andrade verseja nos espaços em branco da p. 15, que guarda o poema “Epitaphio do Mexico”, de Machado de Assis parnasiano, pertencente ao livro *Crisálidas*. Ali, na margem superior e no rodapé, no poema a lápis de sua lavra, sem título, bastante apagado pelo tempo, resiste bem legível o refrão “Vejo-te em teu olhar a cicatriz”:

*Vejo-te em teu olhar a cicatriz,
De magua há luto há sulcos tormen[tos]*

68 Vide, na íntegra, em BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro. I - Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL-MEC, 1971.

*Quem es tu que nos sonhos me atormen[tas]
Musa infeliz dos olhos infelizes
~~musa~~ Dize-me o que é que em teu olhar me diz[?]*

*Que soluças em vão, que em vão lamentas
Vejo-te em teu olhar há cicatrizes
De magua há pranto há talvez tormen[to]
Que contam tuas faces macilent[as]
Musa infeliz dos olhos infelizes.*

*E a visão respondeu: eu sou Aquela
Que nem da mão da Sorte deste n
Aos teus ~~beijos de amor tão puros e tão belos~~
Amor a mais pura de meus beijos*

*Como outras eu serei amada e celebrada
E como elas um dia ~~serei~~ a tua estrela
Como outras eu serei um momento a mais b[ela]
Q[?]*

Vestígio de um poema em processo, evidente no ajuste das rimas intercaladas e na substituição de palavras, muitas delas riscadas, vemos versos sobrepostos, apagados pelo tempo e pelas insistentes modificações trazidas pelo lápis do leitor. Toma forma talvez um soneto, onde se vê recurso à reiteração de palavras – “tormento/ atormenta”, “infeliz/ infelizes”, “em vão”, “como outras” –, adjetivos aos pares, como apreciavam os parnasianos – “amada e celebrada” – e a adoção de um refrão.

Cada elemento da poesia vai sendo estudado na leitura dos parnasianos, conforme a marginália que guarda meandros desse percurso, considerando-se principalmente os artifícios que repercutem nos versos do poeta em formação, Mário de Andrade.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário de. “Prefácio interessantíssimo”. In: “Pauliceia desvairada”. In: *Poesias completas*, v. 1. Edição preparada por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. São Paulo: Nova Fronteira, 2013.

_____. “Os mestres do passado”. In: BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro. I - Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL-MEC, 1971.

KIMORI, Ligia. “A lição dos mestres: os parnasianos na biblioteca de Mário de Andrade”. *Estudos Avançados* vol. 31, nº 90, maio/agosto 2017, p. 215-230.

LOPEZ, Telê Ancona. “A biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação” In: ZULAR, Roberto, org. *Criação em processo – ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

MACHADO DE ASSIS. *Poesias completas: Chrysalidas, Phalenas, Americanas, Occidentales*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1902, 2ª edição (exemplar na biblioteca de Mário de Andrade no IEB-USP).

REIS, Rutzkaya Queiroz dos. “Apresentação” In: MACHADO DE ASSIS. *A poesia completa: edição anotada, recepção crítica*. Organização e fixação dos textos Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin/ EDUSP, 2009.